



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

A IMPORTÂNCIA DA TEMÁTICA DE GÊNERO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO

LA IMPORTANCIA DE LOS TEMAS DE GÉNERO EN LA ESCUELA SECUNDARIA INTEGRADA DE LOS INSTITUTOS FEDERALES DE EDUCACIÓN

Graziela Silva Ferreira – IFBA/UFBA/UNEB/Brasil
Fabiana Freitas Costa – IFBA/UFBA/Brasil

RESUMO

O presente texto traz reflexões sobre a importância da temática de gênero no Ensino Médio Integrado dos Institutos Federais de Educação. Apoiar-se na premissa de que as questões de gênero e todas as construções culturais, sociais e políticas, implicadas com os processos formadores, não devem ser negligenciados no contexto escolar. Nesse sentido, compreende-se que as aulas podem configurar um espaço importante de desconstrução das desigualdades de gênero estabelecidas por hierarquias construídas socialmente e um potente catalisador de debates capaz de instrumentalizar as(os) discentes na construção de suas identidades, discursos e posturas. Assim, nosso aporte teórico se encontra em pesquisas e reflexões sobre gênero e educação, além de estudos exploratórios sobre o tema. O ensaio aponta para a necessidade de que, no processo educativo, o agir pedagógico docente pode fornecer contribuições significativas diante da possibilidade da ruptura de estigmas, estereótipos e discriminações de gênero na formação dos sujeitos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Médio Integrado. Gênero. Sujeitos sociais

RESUMEN

El presente texto trae reflexiones sobre la importancia de la temática de género en la Escuela Secundaria Integrada de los Institutos Federales de Educación. Se basa en la premisa de que las cuestiones de género y todos los constructos culturales, sociales y políticos, implicados en los procesos formativos, no deben pasarse por alto en el contexto escolar. En este sentido, se comprende que las clases pueden configurar un espacio importante de deconstrucción de las desigualdades de género establecidas por jerarquías socialmente instituidas, y un potente catalizador de debates capaces de instrumentalizar las (los) discentes en la construcción de sus identidades, discursos y posturas. Por esta razón, nuestro aporte teórico se encuentra en investigaciones y reflexiones sobre género y



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

educación, además de estudios exploratorios sobre el tema. El ensayo apunta a la necesidad de que, en el proceso educativo, el actuar pedagógico docente pueda suministrar contribuciones significativas frente a la posibilidad de ruptura de estigmas, estereotipos y discriminaciones de género en la formación de los sujetos sociales.

PALABRAS CLAVE: Escuela Secundaria Integrada. Género. Sujetos sociales.

1. INTRODUÇÃO

Partimos do pressuposto que as questões de gênero e todas as construções culturais, sociais e políticas, implicadas com os processos que formam as(os) estudantes, não devem ser negligenciados no contexto escolar. Assim, propomos uma reflexão sobre a importância dessa temática no Ensino Médio Integrado dos Institutos Federais de Educação. Tais Institutos Federais remontam às Escolas de Aprendizagem e Artífices criadas em 1909 no Brasil e, embora não sejam as únicas instituições que ofertam a modalidade de Ensino Médio Integrado, se configuram historicamente como espaços a partir dos quais as políticas e os debates sobre Educação Profissional ganham amplitude ainda hoje. A atuação como docentes na Rede Federal de Educação bem como os desafios experimentados nestes espaços onde a formação para o mundo do trabalho lança luz sobre assimetrias que também se reiteram na educação profissional, conduziram nossa atenção para o debate sobre gênero nessa modalidade de ensino, especialmente ao que diz respeito à prática pedagógica. Neste sentido, as aulas podem configurar um espaço importante de desconstrução das desigualdades de gênero estabelecidas por hierarquias construídas socialmente e um potente catalisador de debates capaz de instrumentalizar as(os) discentes na construção de suas identidades, discursos e posturas.

Partimos da compreensão de que os sujeitos e suas identidades são formados por práticas socialmente construídas de forma que, metodologicamente,



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

este ensaio se vale de uma revisão narrativa de literatura a partir da qual privilegiamos a mobilização das contribuições teóricas que lidam com concepções de gênero para além do enfoque biológico, pensando como esses construtos são atravessados por dimensões sociais, históricas e culturais. Assim, o aporte teórico que orienta este ensaio se encontra em pesquisas e reflexões sobre gênero e educação no Brasil de autoras como LOURO (2003, 2008, 2014), AUAD (2017), MEYER (2013) e FAGUNDES (2001), além de pesquisas recentes sobre o tema. As autoras mencionadas oferecem base para a discussão de gênero principalmente acerca das questões sobre as práticas docentes, tais como procedimentos de ensino, linguagem, entre outros, no combate a produção das desigualdades e das diferenças sexuais e de gênero no processo de ensino-aprendizagem. Deste modo, apontamos que o agir pedagógico pode fornecer contribuições significativas diante da possibilidade da ruptura de estigmas, estereótipos e discriminações de gênero na formação dos sujeitos sociais.

2. NOTAS SOBRE O ENSINO MÉDIO INTEGRADO

A concepção de ensino-aprendizagem do Instituto Federal de Educação compreende o sujeito como um ser histórico-social capaz de transformar a realidade tendo a compreensão ampla de mundo do trabalho. Derrubar as barreiras que ainda persistem na educação profissional e articular as dimensões da ciência, tecnologia, cultura e sociedade na perspectiva de emancipação humana é um dos seus objetivos. Para Pacheco (2020), a orientação pedagógica dos institutos assenta-se numa formação profissional mais abrangente e flexível, em um -profissionalizar-sell mais amplo que abra infinitas possibilidades de reinventar-se no mundo e para o mundo. Assim, a formação integrada, como uma das formas de oferta de educação nos Institutos Federais, sugere que educação geral de nível médio se torne parte inseparável da educação profissional na formação do indivíduo.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

Ramos (2012) discorre que a elaboração do Ensino Médio Integrado baseia-se no eixo estruturante trabalho, ciência, tecnologia e cultura (primeiro sentido de –integrado)). Essa proposta também integra o trabalho como contexto ao proporcionar formação profissional específica (o segundo sentido da –integração)). Já Silva (2019), entende que o desenvolvimento da ciência e tecnologia tem interferências da sociedade, pois abrange interesses sociais, políticos e econômicos, —os quais enraízam uma cultura de gênero (SILVA, 2019, p. 5).

Para Kominek e Vanali (2016), a tecnologia, como construção humana, é permeada de escolhas, valores, compreensões e percepções, mas também de seus silêncios e omissões, ou seja, um instrumento de manutenção e fortalecimento de desigualdades e injustiças. Nessa direção, o Ensino Médio Integrado, como fomentador de múltiplos conhecimentos, pode ser um potente espaço de compreensão da presença da tecnologia no processo de transformação e desenvolvimento social, e conseqüentemente a alteração de fatores culturais que incentivam a continuidade das disparidades entre gênero, as quais afetam mulheres em diferentes campos como: acadêmico social e profissional.

Segundo a Plataforma Nilo Peçanha, cerca de 91,1% das(os) estudantes matriculadas(os) em 2019 no ensino técnico integrado no Brasil possuíam entre 15 e 19 anos. Partindo deste panorama, percebe-se o público discente na fase da adolescência e, portanto, são sujeitos em construção. Essa premissa se apoia nos escritos de Prá (2013) quando indica que a juventude aparece como uma fase da vida de evidentes contradições, e que pode expressar o momento de maior predisposição das pessoas para questionar a realidade e experimentar mudanças. Assim, o educar nesse nível de ensino não deve alijar o desenvolvimento de um sujeito enquanto alguém que se reinventa a cada troca com o meio.

3. A IMPORTÂNCIA DA TEMÁTICA DE GÊNERO NO ENSINO MÉDIO



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

INTEGRADO

Embora os debates sobre educação e as relações de gênero devam pautar todos os níveis e modalidades de ensino, destacamos aqui a Educação de nível Médio Integrado pelos desafios específicos que ela encerra: além de concentrar um público jovem adolescente em processo de construção de identidades, ainda preserva na prática cotidiana de seus mais diversos cursos, representações e estereótipos sexistas (SANTOS, 2012).

Assim, nossa preocupação deve se voltar para as experiências cotidianas, pois, são as práticas rotineiras, os gestos e as palavras banalizadas que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento. Desconfiar do que é tomado como natural (LOURO, 2014). Para essa autora, a construção dos gêneros é um processo inacabado e sutil, e dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas empreendidas por meio de instâncias sociais e culturais como a família, escola, igreja, entre outras (LOURO, 2008).

Os processos escolares como formadores e reprodutores de desigualdades de gênero vêm ocupando a agenda política e acadêmica de muitas(os) estudiosas(os) críticas(os) há décadas. Essas ações educativas envolvem estratégias sutis e refinadas de naturalização que precisam ser reconhecidas e problematizadas na sala de aula. Isso implica analisar os métodos, as estratégias e práticas sociais e culturais que formam pessoas, sobretudo se quisermos investir em possibilidades de propor intervenções que permitam modificar as relações de poder relacionadas ao gênero, vigentes na sociedade.

O conceito de gênero, apresentado neste texto, baseia-se, principalmente, nos escritos de Meyer (2013). A autora entende que o mesmo engloba todas as formas de construção social, cultural e linguística implicadas com os processos que diferenciam homens de mulheres, incluindo aqueles que produzem seus corpos. Ou seja, gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos, —num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completoll (MEYER, (2013,p. 8).

Nesse sentido, Auad (2017) afirma que as relações de gênero correspondem ao conjunto de representações construídas em cada sociedade, ao longo de sua história, para atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos sexos. Caracterizações feitas sobre a mulher são consolidadas por construções históricas e sociais que determinam por meio de simbologias (delicadeza, emoção, fragilidade) sua suposta submissão e inferiorização ao homem. Nesse contexto, a escola institui diferenças de gênero por meio da educação dos corpos, o que a torna espaço privilegiado de construção de identidades masculinas e femininas e das desigualdades de gênero (RESEND, 2011).

Segundo Fagundes (2001), é na educação, como formalizadora da expectativa de —condutas adequadasll para o mundo social, que vamos encontrar as matrizes das desigualdades de gênero. Mas, através do próprio exercício de educar que vão emergir as possibilidades de conscientização sobre a dinâmica das relações de gênero e as perspectivas de mudança nas relações sociais entre homens e mulheres. Dessa maneira, isso implica perceber e analisar aspectos como as diferenças hierarquizadas são criadas e potencializadas devido às relações de poder entre o que se percebe como masculino e como feminino no cotidiano escolar. Tem-se, portanto, que as relações de gênero do modo como estão organizadas em nossa sociedade, produzem e alimentam as desigualdades (AUAD, 2017).

Os corpos não são construídos, apenas, através de mecanismos de repressão ou censura, se fazem, também, por meio de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas. Assim, Louro (2014) chama a atenção que a escolarização sempre esteve preocupada em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

de meninos e meninas, de homens e mulheres.

Entende-se aqui que o corpo é discurso elaborado, produzido e reproduzido socialmente, que se constitui e se mantém pelas leis e normas vigentes em cada cultura (RESEND, 2011). Nessa perspectiva, refletir sobre os discursos que, em nossa sociedade, atuam sobre os corpos, significa pensar o que os produzem e o que estes representam, considerando que estruturam comportamentos, subjetividades e modos de ser e estar no mundo. Essa premissa de discursividade dos corpos, seus efeitos de poder e as tecnologias utilizadas para produzir subjetividades reforça a responsabilidade das instituições escolares e de todas as pessoas envolvidas nesse contexto.

No caso específico da educação profissional de nível médio, tecnologias de controle dos corpos se processam de modos diversos tanto nas práticas institucionais e discursivas, quanto no cotidiano escolar. Os Institutos Federais, embora assumam uma proposta de educação integrada, ainda carregam o legado de visões tecnicistas herdadas de concepções de educação para o trabalho do século passado e que, embora já não estejam mais sustentadas nos documentos orientadores oficiais, ainda permeiam a prática docente ou institucional e isso contribui com a reprodução de inúmeras desigualdades, inclusive de gênero. Elza Ferreira Santos (2012), ao refletir sobre a produção das subjetividades das estudantes em cursos majoritariamente ocupados por meninos, como Eletrônica, Eletrotécnica e outros no Instituto Federal de Sergipe, ressalta a ocorrência de situações que reproduzem invisibilidade e exclusão no cotidiano escolar:

Aqui ocorrem diversos fatos embaraçosos: as meninas estão em menor número, a presença masculina direciona algumas situações, os exemplos dados em salas de aula se reportam apenas aos meninos, os manuais trazem sempre imagens de mecânicos, de técnicos, e, não raro, os convites, através de cartazes espalhados nos murais da escola, para estágios nas grandes empresas, destinavam-se somente aos rapazes (SANTOS, 2012, p.10).



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

De forma ora sutil, ora explícita, a gramática do espaço vai não apenas informando qual o corpo —adequado, como também buscando produzir comportamentos aceitos em determinados campos profissionais. É preciso lembrar, entretanto, que a escola é também espaço de contínua resistência, pois, como bem lembra Santo (2012) apesar dos cartazes endereçados aos garotos, as garotas inscreviam-se do mesmo modo, —teimando em continuar no curso, na carreira que escolheram (SANTOS, 2012, p. 10).

Por conseguinte, essas reflexões apontam para a necessidade de uma postura docente embasada/orientada na desconstrução das polaridades e hierarquias de gênero. Para Teixeira e Magnabosco (2016), os estudos de gênero contribuem para a educação na medida em que oferecem proposições políticas implicadas por relações de poder que produzem outro olhar sobre masculinidades e feminilidades.

Louro (2008) chama a atenção que a construção das diferenças é ensinada através de processos discursivos e culturais e o quanto é necessário discutir sobre tais processos, uma vez que —ao longo dos séculos, os sujeitos vêm sendo examinados, classificados, ordenados, nomeados e definidos por seus corpos, ou melhor, pelas marcas que são atribuídas a seus corpos (LOURO, 2003, p. 1).

Nessa direção, defendemos que a escola não deve estimular a produção das desigualdades, sendo reprodutora de posturas violentas. Ela pode e deve ser o lugar da transformação, da construção de novas relações de gênero, de mudança dos padrões culturais. E como apontam Silva e Barbosa (2012), o ambiente educacional pode ser um espaço de um refreamento de estigmas sociais. No entanto, para assumir esse novo papel é fundamental uma mudança de concepção, de postura, de leitura de mundo de docentes e da comunidade escolar, no sentido de compreender e entender as relações de gênero e suas implicações no campo da cidadania.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

5. POR UMA OUTRA EDUCAÇÃO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões acerca da importância da temática de gênero no Ensino Médio Integrado apontamos que as relações estabelecidas entre gênero e educação são imprescindíveis para a diluição do imaginário de que determinados comportamentos sociais devem obedecer a um desenvolvimento ideológico distorcido de gestos e posturas direcionadas para formação de homens e mulheres e desmistificar preconceitos arraigados em nossa história, como apontam Silva e Barbosa (2012), ao alertarem que desconstruir papéis sexuais, em ambientes voltados aos processos educacionais, mostra-se como desafio e necessidade para a conquista de um maior entendimento e respeito à diversidade humana.

Destarte, as relações de gênero integram os desafios educacionais contemporâneos que demandam ações específicas na intervenção docente, seja na participação e promoção de debates e de pesquisas em estudos específicos, na elaboração de estratégias didático-pedagógicas que coloquem em cena as diferenças e a pluralidade humanas, seja produzindo e reafirmando conhecimentos e orientações que foquem numa educação voltada para a diversidade. Portanto, acreditamos que, no Ensino Médio Integrado, devem ser construídas novas formas de pensar, principalmente por ser a escola um espaço privilegiado para desenvolver uma nova compreensão sobre o corpo livre de preconceitos e discriminações.

Segundo Louro (2003), as práticas acadêmicas devem desestabilizar e desconstruir a naturalidade e a universalidade e reafirmar o caráter construído, movente e plural de todas as posições. Nesse ínterim, os Institutos Federais não podem ficar alheios às transformações que ocorrem na sociedade. Faz-se necessário a criação contínua de estratégias pedagógicas, tais como implementação de projetos e programas de ação que, partindo de uma perspectiva de gênero, promova a equidade entre os sujeitos sociais em formação.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

Para Passos, Rocha e Barreto (2011), a inclusão do gênero como categoria de análise é de grande importância, pois ela amplia os paradigmas do conhecimento, abre perspectivas de construção para uma nova realidade social, além de possibilitar a discussão sobre a desigualdade e a opressão. Nessa perspectiva, o modelo de educação que estamos defendendo tem fundamentação teórico-metodológica no feminismo, pois se baseia na realidade concreta das(os) discentes. Entende, portanto, o ser humano como em processo e se compromete com a transformação social e com a inclusão. E, para isso, as mulheres não serão ensinadas a serem dóceis, silenciosas ou passivas, nem aos homens o oposto. O compromisso é tratá-las(os) como sujeitos conscientes e capazes de enxergar o mundo e suas relações na luta pela diversidade.

REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos**: relações de gênero na escola. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

FAGUNDES, Tereza Pereira Carvalho (org.). **Ensaio sobre gênero e educação**. Salvador: UFBA – Pró-Reitoria de Extensão, 2001.

KOMINEK, Andrea Maila Voss; VANALIK, Ana Crhistina. Tecnologia e gênero: repensando relações. **Caderno de Gênero e Tecnologia**. Curitiba, v.9, n. 33, p. 37-49, jan./jun. 2016.

LOURO, Guacira Lopes.. Corpos que escapam. **Labrys Estudos Feministas**. Nº 4. Agosto/dezembro 2003. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys4/textos/quacira1.htm>. Acesso em: 20/07/2020.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Revista Pro-Posições**. v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (organizadoras). **Corpo**,



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PACHECO, Eliezer. **Os Institutos Federais:** uma Revolução na Educação Profissional e Tecnológica. Natal, IFRN, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/osinstfedera.pdf>. Acesso em: 20/07/2020.

PASSOS, Elizete; ROCHA, Nívea; BARRETO, Maribel. Gênero e educação. In: COSTA, Ana Alice Alcantara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; VANIN, Iole Macedo (org.). **Ensino e Gênero:** Perspectivas Transversais. Salvador: UFBA - NEIM, 2011.

PRÁ, Jussara Reis. Estereótipos e ideologias de gênero entre a juventude brasileira. **Revista Feminismos.** Vol.1, n.3. Set. - Dez. 2013.

RAMOS, Marise. A educação tecnológica como política de estado. In: OLIVEIRA, Ramon de (org.). **Jovens, ensino médio e educação profissional:** políticas em debate. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

RESEND, Moisés Sipriano de. Olhares sobre os corpos e a construção de —homensll e —mulheresll na escola. **Motrivivência.** Ano XXIII, nº 37, p. 69-82 Dez./2011.

SANTOS, Elza Ferreira. Educação profissional, subjetivação e gênero: um estudo a partir do instituto federal de Sergipe. **Anais do VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”.** São Cristóvão/SE, 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10182/13/12.pdf>. Acesso em: 20/05/2020.

SILVA, Antonia Juliana Rodrigues. Um olhar sobre a influência das tecnologias da informação e comunicação sobre as relações de gênero. **V Simpósio Internacional LAVITS.** Assimetrias e (In)visibilidades: vigilância, gênero e raça. Salvador, 2019. Disponível em: <https://lavits.org/wp-content/uploads/2019/12/RodriguesSilva-2019-LAVITSS.pdf> Acesso em: 20/10/2020.

SILVA, Laionel Vieira da; BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira. Relação corpo e gênero: as várias facetas de um sistema de exclusão. **Anais do 18º Redor da Universidade Federal Rural de Pernambuco - Recife/PE,** 2012. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/view/2238/650>. Acesso em: 20/07/2020.

TEIXEIRA, Cíntia Madalena; MAGNABOSCO, Maria Madalena. **Gênero e diversidade:** formação de educadoras/es. 1ed: Autêntica Editora; Ouro Preto, MG: UFOP, 2016. (Série Cadernos da Diversidade).



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN
26755718

REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

Credenciais das/os autoras/es

FERREIRA, Graziela Silva. Docente – IFBA - Simões Filho. Integra o GEFID - Grupo de Estudos em Formação Docente, Inclusão e Diversidade, graduada em Licenciatura em Educação Física (UEFS), Mestre em Dança (UFBA), Doutoranda no Programa Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento – UFBA – IFBA- UNEB. Orcid: 0000-0002-8631-5200 E-mail: grazeferreira@gmail.com



COSTA, Fabiana Freitas. Docente – IFBA - Simões Filho. Integra o GEFID - Grupo de Estudos em Formação Docente, Inclusão e Diversidade, graduada em Ciências Sociais (UFBA), Mestre em Sociologia (UFBA), Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFBA. Orcid: 0000-0003-4164-4753 E-mail: fabifreitascosta@gmail.com

Endereço para correspondência: IFBA - Campus Simões Filho. Via Universitaria s/n, Pitanguinha - Simões Filho - Ba. CEP: 43700-000.

Como citar este artigo (Formato ABNT): FERREIRA, Graziela Ferreira; COSTA, Fabiana Freitas. A importância da temática de gênero no Ensino Médio Integrado dos Institutos Federais de Educação. **Revista Elite**